



Médicos dão carinho às crianças abandonadas pelas mães

Caso tem origem no Entorno

Apesar de contar com um Núcleo Central de Serviço Social — o órgão atua em linha direta com os Núcleos Regionais — a Secretaria de Saúde não tem uma estatística sobre o número de pessoas abandonadas nos diversos hospitais da rede pública. Nem o tempo de permanência médio desses pacientes.

O Hospital de Base do Distrito Federal (HBDF), o maior da cidade, sempre recebeu esse tipo de clientela, oriundo principalmente da região do Entorno. Para diminuir os casos, a direção do hospital passou a fazer um trabalho de conscientização nas cidades periféricas — Luziânia, Formosa, em Goiás, e Unaí, em Minas Gerais.

Através de ofícios, os prefeitos foram alertados e, ao mandar um paciente para se tratar em Brasília, têm que assinar um termo de compromisso de que o buscarão ao final do tratamento. Com isso, o número caiu e, hoje, não há um “esquecido” naquele hospital.

Mas na rede pública local, principalmente nos hospitais das cidades-satélites, os casos são muitos. Atualmente, em Sobradinho, são dois os casos. Na Ceilândia, também são dois os abandonados, um por alcoolismo e outro paraplégico e deficiente mental. O Hospi-

tal Regional do Gama tem também dois casos no momento.

Carência

Além do abandono completo, existem aqueles que são parcialmente “esquecidos”. É o caso do menino Paulo Renan, de 10 meses e há um mês no HRAN. A mãe, de 20 anos, é solteira e só vai ao hospital para almoçar. Os funcionários e outras mães com filhos internados cuidam do menino.

Renan está com desidratação crônica, diarréia e muita carência. “Ele não pode ver um colo. É um menino carente por excelência. Também, basta ver o que a mãe faz com ele. É de dar pena”, afirma a médica Jaqueline Cavalcante. “Dá até vontade de adotá-lo”, disse, olhando para a própria barriga, já que está grávida de sete meses.

Do lado de fora da pediatria, um caso inverso chama a atenção. Uma índia cuida de seu filho que sofre de asma e está internado há mais de um mês. Segundo as funcionárias, ela tem todo o carinho com o menino. Só não deixa que lhe apliquem oxigênio. “Ela tira o tubo. E fica brava se insistimos”, afirma Jaqueline Cavalcante. Mãe e filho vieram de uma reserva indígena para buscar atendimento na Capital da República.